

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

**A PESQUISA CIENTÍFICA COMO FORMA DE APRENDIZAGEM  
DISCENTE NO ENSINO SUPERIOR**

PAULO SÉRGIO DOS SANTOS  
KÁTIA CILENE CAMARGO SILVA

ANÁPOLIS/2009

# A PESQUISA CIENTÍFICA COMO FORMA DE APRENDIZAGEM DISCENTE NO ENSINO SUPERIOR

Paulo Sérgio dos Santos\*

Kátia Cilene Camargo Silva\*\*

## Resumo

O objetivo desse artigo, que tem como tema e objeto de estudo o uso da pesquisa científica como meio para se chegar ao aprendizado, é abordar o uso da pesquisa como ferramenta efetivamente útil e indispensável na construção do conhecimento do aluno do ensino superior, bem como a sua utilização pelos professores universitários. Foi utilizada para elaboração desse artigo uma pesquisa com abordagem exploratória qualitativa em que uma consulta bibliográfica foi realizada, na qual as idéias dos autores foram interpretadas e compiladas com algumas conclusões pessoais. Os resultados desse trabalho apontam para a confirmação de que o uso da pesquisa científica no ensino superior concorre para a construção do conhecimento e favorece o ensino-aprendizagem, conforme os autores consultados, pois na medida em que os alunos/pesquisadores se envolvem com a pesquisa fazem leituras, reflexões e conclusões e assim constroem realmente o seu conhecimento. Ao concluir esse trabalho nota-se que é possível ao aluno aprender pesquisando, uma vez que no processo da pesquisa o aluno fica íntimo do seu objeto de pesquisa. Em relação ao professor o aluno pesquisador exige-se preparo para orientá-lo corretamente e ao aluno dedicação e empenho nos estudos para que aprenda e se torne um profissional competente em seu futuro ofício.

**Palavras chave:** Ensino-aprendizagem. Conhecimento. Pesquisa. Ensino Superior.

## Abstract

The objective of this article, which is based on the study of how to use the scientific research method to improve the knowledge, is to approach the research use as an useful effective and indispensable tool that helps building universities students' knowledge, as well as its use by professors. During the process of elaborating this article, a research based on the quality exploration approach through a bibliography search was applied, in which the authors' ideas were interpreted and applied as a self conclusion. According to the theories studied, the results of all researches confirm that the use of scientific researches for the universities helps building the knowledge and is in favor of the teaching-learning process, because as long as students/researchers get involved with the process, they read, think and conclude more, building, this way, their knowledge. Once concluding this paper, it is noticeable that it is possible for the student to learn through the research process, because itself gets closer to the research object. About the professors, it is safe to explain that it is necessary to be well prepared to guide students correctly and for the students it is required dedication and effort when studying to learn more and be an excellent professional in the future.

**Keywords:** Teaching-learning. Knowledge. Research. University.

---

\* Licenciado em História e pós-graduando em Docência Universitária

\*\* Professora orientadora graduada em Pedagogia. Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural pela Universidade Católica de Goiás (2007).

## Introdução

O que se espera do ensino realizado nas universidades é que realmente forme profissionais ou professores competentes e sabedores de seus ofícios. Um dos grandes desafios é proporcionar métodos e ferramentas que garantam uma aprendizagem que permita ao aluno um conhecimento efetivo sobre a sua área de estudo ou profissão.

Embora seja vista muitas vezes como um meio a que recorre o professor universitário para obter uma folga nos trabalhos realizados dentro de uma sala de aula, a pesquisa pode representar um aliado poderoso e consistente na prática do ensino e na formação de conhecimentos específicos para um aluno. Tornando-se o sujeito na construção do seu saber, o aluno estaria fixando esse mesmo saber em sua mente, através do processo que percorreu para chegar ao final da pesquisa.

Numa época de utilização da informática – em especial da *internet*, que proporciona um achado rápido de informações, mesmo que algumas delas não confiáveis -, a pesquisa tem perdido parte de sua credibilidade perante os professores, que passam a ministrar suas aulas de um modo mais expositivo possível e cobram os resultados através de avaliações que, muitas vezes, medem apenas a capacidade de decorar um texto ou de memorizar o conteúdo abordado em uma aula expositiva.

Em face disso, o presente artigo tem por finalidade demonstrar que a pesquisa científica pode ser usada como uma via alternativa e necessária para o processo de ensino-aprendizagem e que concorre, de fato, para a aquisição e construção aprimorada de conhecimento por parte do aluno/pesquisador, que não será apontado como o único responsável pela aquisição e construção de conhecimento. Abordar-se-á, também, a importância do professor universitário como mediador, incentivador e exemplo capaz de inspirar o aluno, para que este se sinta seguro e devidamente orientado para a realização da pesquisa.

Este artigo foi dividido em três partes. A primeira focará o professor universitário, bem como algumas de suas posturas acerca da prática do ensino superior. Na segunda, tratar-se-á da dúvida que se instaura entre duas opções: apenas passar adiante o conhecimento já feito, ou trabalhar com o aluno de forma que ele mesmo construa o conhecimento? A terceira e última será centralizada no

aluno como produtor de conhecimento e principal agente do processo de ensino aprendizagem.

O assunto é polêmico e extenso e, acerca dele, muitas visões e posições são defendidas. Muitos professores podem não ceder aos alunos a posição central de construtores e possuidores do conhecimento por não abrirem mão de tal prerrogativa, que de certo modo lhes garantem uma posição de destaque no meio acadêmico e na sociedade. De qualquer modo, este artigo pretende fazer parte da discussão acerca deste assunto, sobre o qual não representa, de maneira alguma, a última palavra.

## **1. Os Professores e o ensino superior**

É muito questionado o fato de se ligarem as atividades de pesquisa à pós-graduação, ao passo que na graduação correlacionam-se as atividades de ensino que, mesmo abrindo espaço para abordagens sobre pesquisa, metodologia científica e atividades ligadas ao ensino, tais atividades encontram-se separadas. Articulando-se na graduação o ensino em si com propostas de pesquisas, mesmo que iniciais, pode-se favorecer uma aprendizagem mais satisfatória.

Sendo assim, o papel primordial da universidade poderia ser questionado: ou formaria apenas profissionais ou também daria ênfase à pesquisa com o intuito de reverter os resultados para a sociedade ou instituição mantenedora.

É importante ressaltar que para se fazer pesquisa nas universidades públicas ou privadas, tem que se levar em conta a origem dos recursos destinados à realização do trabalho. A autonomia do pesquisador tem que ser mantida, no entanto a instituição mantenedora se verá no direito de intervir nela. Há de se incentivar o lado privado a participar de tal processo nas instituições privadas e o estado nas públicas. Desse modo é justo refletir sobre a pesquisa feita na graduação com alunos que não tenham laços fortes com a universidade e pensar profundamente sobre a sua autonomia, já que seu relacionamento com a instituição é de aluno e escola e não de um empregado, no caso do aluno, que teria as suas obrigações relacionadas com a pesquisa a cumprir (SOBRAL, 1989).

Percebe-se que as pesquisas são dirigidas, nas universidades públicas, para alcances de planos políticos maiores no geral, enquanto nas privadas são usadas em benefício da mantenedora, de sorte que em algumas vezes tem-se

conhecimento de que as razões sociais de certas pesquisas são distorcidas para se adequarem a interesses econômicos.

A questão de quem mantém ou incentiva a pesquisa é delicada a ponto de afetar sua autonomia, uma vez que grupos internacionais patrocinam pesquisas e estudos em várias áreas, prejudicando assim a liberdade nacional de criação e, conseqüentemente, a construção do conhecimento.

Em muitos discursos, hoje, ouve-se falar na separação entre ensino e pesquisa e que os dois não podem deixar de existir juntos na universidade. Porém o que ocorre, na prática, é que os currículos apresentados nas instituições são matérias ou créditos obrigatórios para se seguir no curso. Não há, em muitas universidades, o incentivo espontâneo ao aluno para que ele desenvolva a pesquisa e conseqüentemente a sua própria geração de conhecimento (PAOLI, 1989).

Para ser professor universitário ou trabalhar nesse sistema, é necessário que se sigam alguns princípios que darão o rumo na futura formação dos professores e profissionais que dali sairão. É preciso que cada professor reconheça que estão formando pessoas, e tudo o que será abordado com aquelas pessoas poderá refletir para o resto de suas vidas e de seus futuros alunos.

Cabe ao professor a crença em uma utopia de que tudo o que ele fará no ensino superior vai dar certo e que tudo pode ser feito no intuito de melhorar, sobretudo, o homem que se pretende formar como o sujeito do conhecimento. Formando pessoas, profissionais, professores críticos, criativos, inovadores e mais humanos, o mundo terá a perspectiva e a expectativa de uma sociedade mais humanizada, mais crítica acerca de sua história e mais eficiente em seus ramos profissionais (LUCKESI et al. 1996).

O início de uma sociedade mais justa e incansável na busca de avanços e desenvolvimentos, seja nos campos humanos seja nos tecnológicos, pode estar no ensino superior que privilegie o ser humano comum como principal criador de conhecimento. Na medida em que cada estudante universitário seja incentivado a buscar o conhecimento através de métodos adequados e bem orientados, poderá ocasionar uma cadeia que irradie uma busca pessoal pela construção de seu conhecimento, contribuindo para a construção de uma sociedade cada vez mais crítica e pensante.

A prática exercida por um professor universitário em sala de aula pode exigir competências e especificidades próprias, assim como em qualquer profissão.

Ocorre em diversos cursos superiores a situação contraditória de professores que, mesmo tendo uma prática profissional larga e uma experiência comprovada, não possuem especialização na área da docência superior. São os casos de advogados, médicos, engenheiros e muitos outros profissionais que, embora tenham uma bagagem enorme de conhecimentos acerca de suas profissões, não possuem nenhuma carga de disciplina pedagógica que os capacite para a prática da docência universitária.

É necessário refletir até que ponto um profissional desprovido de capacitação em docência universitária poderia efetuar com eficácia a prática do ensino. Quando um professor entra em uma sala de aula numa universidade munido apenas com sua experiência profissional, terá mais dificuldade em utilizar técnicas pedagógicas ou não terá conhecimentos sobre as novas metodologias de ensino superior. Ter conhecimento e capacitação sobre como trabalhar determinada matéria, com ênfase no estímulo à pesquisa e extensão, pode fazer a diferença na formação do aluno, uma vez que na universidade formar-se-ão profissionais e formadores, ou seja, pessoas que mais adiante formarão opiniões.

O professor universitário, tendo ciência das novas tendências no ensino, procuraria aplicá-las em sala de aula. É corriqueira a discussão acerca do foco do ensino que atribui ao aluno a função de produtor do seu conhecimento e incumbe ao professor o papel de facilitador de todo o processo. Cabe mais uma vez conclamar à reflexão acerca da seguinte questão: um professor universitário sem capacitação pedagógica seria capaz de transferir ao aluno o foco do desenvolvimento e a construção do conhecimento proposta pelos enfoques construtivistas da atualidade? Seria ele capaz de inovar a situação da sala de aula, não transmitindo aos alunos o conhecimento já pronto, mas incentivando-os a criá-lo? Será que ele seria capaz de, juntamente com seus alunos, tornar a universidade um lugar produtivo quando o assunto é ciência?

Em muito contribui Masetto (2001, p. 14), quando afirma ser a universidade

um lugar de fazer ciência, que se situa e atua em uma sociedade contextualizada em determinado tempo e espaço, sofrendo as interferências da complexa realidade exterior, que se estende da situação político-econômico-social da população às políticas governamentais, passando pelas perspectivas políticas e ideológicas dos grupos que nela atuam.

Em todos os campos profissionais, é necessário que os trabalhadores sejam bons conhecedores de seus ofícios. E isso diz respeito também aos professores universitários que, se forem profissionais em outras áreas, além de atuarem nas salas de aula, terão que se manter atualizados no ofício e nas práticas pedagógicas a serem desempenhadas junto aos alunos.

Segundo Masetto (2001), o professor envolvido em pesquisas é constantemente atualizado pelas críticas e reflexões feitas na construção do conhecimento, pois assim há sempre uma renovação e aperfeiçoamento do saber já existente.

## **2. Apenas repassar conhecimento?**

Como parte embrionária de um projeto maior e de âmbito nacional, a pesquisa e a extensão nas universidades não seriam o início de crescimento e desenvolvimento de uma sociedade? A universidade, uma vez que proporciona a formação de mão-de-obra, de profissionais e de professores, é um lugar de culto ao saber e de busca ao conhecimento. Mas para se chegar a ele, a nação e as universidades têm que traçar o seu trajeto, valorizando e incentivando cada aluno-pesquisador, para que encontre tal caminho. E assim como nos atesta Luckesi et al (1996, p. 41), “a universidade é, por excelência, razão concretizada, inteligência institucionalizada, daí ser, por natureza, crítica, porque a razão é eminentemente crítica.”

O esforço da universidade recairia em criar e criticar, em que uma palavra complementar a outra no qual o ato de criticar estaria ligado sempre ao questionamento, através de dialética, às peculiaridades da vida e da ciência, numa constante dúvida e inquietação. E a criatividade advém das dúvidas e questionamentos, em que a crítica geraria a dúvida e, por conseguinte, haveria a criação como resposta imediata a esta.

A universidade seria o espaço de criação, pois

propondo a formarem cientistas, profissionais do saber, a universidade ajuda a sociedade na busca de encontrar os instrumentos intelectuais que, dando ao homem consciência de suas necessidades, lhes possibilitam escolher meios de superação das estruturas que o oprimem (LUCKESI et al; 1996, p. 43)

Para se chegar ao conhecimento por meio de pesquisa, faz-se necessário o emprego de alguns recursos metodológicos, que serão indispensáveis no processo de realização da pesquisa. Mas são necessárias, também, algumas posturas de cunho moral, como o espírito crítico, que ajuda no discernimento dos problemas e objetos de pesquisa e deixa sempre acesa a chama da pergunta para a qual se procura uma resposta. Achar um resultado e não comprovar com provas contundentes ou sugestivas não dá veracidade ao achado, e assim, cabe ao emprego de métodos científicos atribuir essa veracidade. Afirmar algo sem uma prova real e sem mostrar o caminho percorrido na busca dessa prova sugere um preconceito formado, ou seja, quem tivesse conhecimento de tal achado não o reconheceria como um trabalho sério.

Em relação ao dogmatismo sobre um conhecimento, é necessário refletir se há realmente necessidade de se construir um conhecimento sobre algo que já está pronto e acabado, e não procurar alterar as estruturas que mantêm em pé esse conhecimento existente.

Pode-se questionar se a atitude dogmática num pesquisador pode ser uma ferramenta útil ou travadora do processo de construção do conhecimento, na medida em que este não abre mão de suas posições mais radicais. Na hora de construir o conhecimento, posturas precisam ser revistas para que a pesquisa seja validada. Desse modo, “O dogmatismo faz com que o sujeito se apegue exageradamente às próprias afirmações e pontos de vista e despreze o debate, a reflexão e, até mesmo, a refutação daquilo que pensa e afirma” (LUCKESI et al, 1996, p 83).

Todo conhecimento construído não é definitivo e absoluto, pois é passivo de questionamento e, portanto, está aberto para ser pesquisado e refutado. Entra nesse momento a necessidade de o pesquisador ser criativo, curioso e - como já foi comentado - crítico. O questionamento é necessário porque torna dinâmico o processo de busca e pesquisa e, no final, aprimora o conhecimento já existente, ou senão o contraria.

A questão do desenvolvimento e da pesquisa em um país é determinante em sua autonomia e soberania. Quando se pesquisa, o conhecimento é gerado, e nesse longo processo as críticas e reflexões são elaboradas, de modo que melhoramentos e descobertas são construídos. Entretanto, quando há importação de tecnologias, formas de ensino, políticas públicas de saúde e todas as formas de



comércio, não ocorrem de forma plena e intensa uma afirmação nacional, nem o desenvolvimento da sociedade que mantém esse sistema de ensino.

Até aqui foi comentado que o professor universitário tem que ser pesquisador por natureza e incentivar os seus alunos. Os alunos, ao pesquisarem, também serão pesquisadores orientados e, desse modo, podemos refletir se realmente há a necessidade de se fazer uma pós-graduação para ser considerado um verdadeiro pesquisador (DEMO, 1998). O mesmo autor afirma que a autoridade do professor vem exclusivamente do saber produzido pela própria pesquisa. E afirma, ainda, que

a autoridade do professor deveria provir da competência em termos de produção própria, não de uma formalidade, geralmente vazia; A grande maioria de nossos professores não vale a pena ser ouvida; (DEMO, 1998, p. 137).

Mesmo com várias correntes sociais defendendo a nova postura do professor universitário e afirmando que o papel central do aprendizado é do aluno, há de se levar em conta que o papel do professor é insubstituível, pois ele formula, organiza, revisa, atualiza e corrige a postura dos alunos, incentivando as suas críticas (DEMO, 1998).

Colocando-se o aluno como sujeito da construção do conhecimento e do aprendizado, não significará que ele obrigatoriamente tomará o lugar do professor, uma vez que este, com toda a sua experiência e formação acadêmica, será indispensável para orientar e sistematizar os métodos de aprendizagem, bem como para incentivar e mediar o caminho que levará os alunos ao conhecimento.

Seguindo uma concepção interacionista, o aprendizado não é alcançado com a passividade do aluno, mas sim a partir de sua ação para com o objeto da pesquisa e do conhecimento. Em uma pesquisa, há uma interação entre o sujeito e o objeto, na medida em que o objeto instiga o sujeito, perturbando-o e gerando dúvidas. Em contrapartida o sujeito, devidamente perturbado e cheio de dúvidas, interagirá com o objeto até encontrar respostas (BARROS, 2002).

Nessa teoria, o professor reforça o seu papel de mediador na construção do conhecimento, e essa mediação funciona como uma intervenção regulada e bem planejada.

O senso comum pode ser visto como um conjunto de informações sem padrão qualquer, que são aprendidas no cotidiano e que, na maioria das vezes, são

carregadas por valores humanos diversos. Esses valores contidos no senso comum podem estar carregados de conteúdos religiosos, históricos, filosóficos e outros mais que não deixam de ser conhecimentos, mesmo que não sejam sistematizados ou comprovados. O perigo do senso comum se torna evidente na medida em que muitas afirmações carecem de comprovação e são repletas de preconceitos.

No senso comum, os conceitos podem se apresentar sem consistência, pois sua elaboração, mesmo que gradual e demorada, não aconteceu com base em uma sistematização ou um método. Olhando para a ciência, com suas metodologias e caminhos a serem seguidos na construção do saber, vemos conceitos sendo formados a todo instante, formando-se assim um sistema ou uma estrutura correlata de conceitos (MATALLO JÚNIOR, 2002).

Levando-se em consideração que o estudante é, por si só, um agente na geração do seu conhecimento, podemos inferir que dele há de se esperar, no estudo, participação e responsabilidade. Um estudo de como aprender a construir o conhecimento faz-se necessário, e um dos modos que se pode utilizar para isso é a pesquisa, através da qual se podem aprimorar os conhecimentos descobertos e promover a construção de outros novos. Um mundo repleto de fontes de informações possibilita aos alunos de ensino superior chegar à sala de aula munidos de referências e informações capazes de constranger o professor. Nesse contexto, o professor universitário se vê necessitado de rever sempre a sua estratégia de ensino. E já que os alunos globalizados vasculham o mundo à caça de novidades, é um bom momento para incentivá-los a pesquisar os assuntos pertinentes à matéria lecionada pelo professor.

Uma pesquisa bibliográfica orientada pelo professor ajudaria os alunos a encontrar fontes e coletar dados e novidades acerca de um determinado assunto, tudo isso ressaltando bem qual é o objeto da pesquisa, o que se deseja encontrar (ALMEIDA JÚNIOR, 2002).

Um dos grandes problemas de se propor aos alunos a realização de uma pesquisa é o fato de estes procurarem exclusivamente nas páginas da *internet* o conteúdo a ser pesquisado e, geralmente, apresentar através de cópias legítimas, que nem sequer leem. Outro ponto negativo é o caso de alunos que, ao se juntarem a um grupo, escondem-se nele e acabam não realizando o que se espera na pesquisa. Assim a pesquisa bibliográfica orientada pode contribuir como ferramenta

de aprendizagem para o aluno, pois o professor indicará a bibliografia e os objetivos a serem alcançados pelo aluno, não possibilitando a este o plágio.

Para se realizar uma pesquisa, é necessário definir um objetivo e escolher o método a ser utilizado. Quando um acadêmico se dispõe a fazer uma pesquisa, ele não terá conhecimento sobre tudo o que quer pesquisar. E nessa busca, aprenderá a aprender, lerá muitos livros, fará testes, levantará hipóteses diferentes da inicial e, com certeza, errará em algumas conclusões. Nesse percurso, novas posições serão adotadas e descobertas adversas serão feitas. Esse é um processo que o conduzirá a um conhecimento ou a vários. É o conhecimento construído pelo aluno (pesquisador) (DEMO, 2001).

No final de um curso superior, geralmente as universidades cobram um trabalho de conclusão de curso - seja um artigo ou uma monografia. Esse trabalho é, na verdade, uma avaliação que conterà a posição e o nível de aprendizagem de várias disciplinas do curso, da metodologia do trabalho científico e também do tema abordado. É justo questionar de modo amplo se se poderia, nos mais variados níveis de ensino - sobretudo no nível superior - usar a pesquisa como meio de ensino-aprendizagem e avaliação.

Numa perspectiva construtivista, o papel primordial do professor universitário seria o de facilitar o desenvolvimento de alunos já adultos e fazer com que eles encontrem o valor de aprender realizando uma pesquisa de modo a fazerem, de si, o meio e a ferramenta primordial do processo de ensino-aprendizagem. O professor e o cidadão são sujeitos históricos, pois podem interferir historicamente no meio que os rodeia, construindo conhecimentos que podem ajudar a sua sociedade (MASETTO, 2001).

### **3. Aluno produtor de conhecimento**

No processo de construção do conhecimento, durante um curso superior, a parceria nos estudos torna-se benéfica, uma vez que a interação entre os alunos, acompanhada de discussões e reflexões, gera resultados críticos e conclusivos.

Assim, as ferramentas pedagógicas de que os professores dispõem - como o Phillips 66, o Painel, os seminários, os simpósios e os estudos de casos, entre outros - são facilitadores no processo de ensino-aprendizagem que, por vezes, lançam o aluno na atmosfera da pesquisa, de modo que, ao final, um conhecimento

terá sido construído ou um caminho encontrado para o alcance de algum objetivo (GOMES E POZZEBON, 2002).

O trabalho monográfico exigido na conclusão de um curso tem sido alvo de preconceitos e críticas, uma vez que é encarado como uma obrigação e a maioria dos alunos pesquisadores o realizam sem muito afinco, preocupados apenas em obter o conceito necessário para se formarem. Esse trabalho pode representar o primeiro contato de um aluno com o universo da pesquisa, durante a qual os conceitos serão formados e a crítica a respeito do assunto será criada. O conhecimento será gerado à medida que os achados forem localizados no transcorrer da pesquisa. No trabalho monográfico, o aluno terá a oportunidade de aprender ou praticar as normas de elaboração e as normas técnicas, além de se aprofundar nas teorias de importantes pensadores a respeito do assunto estudado. Depois de todo o percurso, terá ele aprendido sobre o objeto da pesquisa?

Cada vez mais é comentada e abordada a importância de se incentivar a pesquisa no meio acadêmico, enfocando a sua ênfase no aluno, visto como sujeito e criador de seu conhecimento. Fazer uma pesquisa sem o uso de um método reconhecido e já trabalhado outras vezes pode sugerir que não seja viável realizar novamente essa mesma pesquisa. Então, a questão da metodologia ou dos caminhos a serem seguidos na realização da pesquisa são fatores de grande importância para o aluno, pois se ele quiser defender o seu achado, terá que provar que é possível fazer novamente tal pesquisa. Não seria apenas a questão de se levantar um problema ou uma hipótese e tentar prová-la. Há de se prestar atenção também na metodologia usada.

Partindo da premissa de que todo professor universitário é um pesquisador, seria cabível refletir sobre a necessidade de esse professor dominar o emprego de metodologias científicas, para que possa despertar em seu aluno o gosto e o conhecimento das correntes metodológicas para se fazer pesquisa. Tal prática poderia se tornar uma cultura acadêmica em que o trabalho científico fosse uma prática corriqueira dentro das instituições. Os currículos dos cursos universitários teriam, assim, disciplinas que tratariam de pesquisa, de sorte que o aluno, ao se formar, teria plantado em si pelo menos uma semente de prática científica. Assim, Demo (2001, p. 60) afirma que

tomando o exemplo da formação de educador, caberia, de partida colocar que, em um currículo deve aparecer tempo inicial de preparação propedêutica, de carga mais teórica, digamos, forte dose de estudo da metodologia científica e da teoria referencial, como fundamentos da formação geral comum a todo educador e como ferramenta para elaboração própria.

Na vivência de gerações e no cotidiano de uma comunidade, os costumes e valores vão sendo criados e tornam-se arraigados nas mentes dos seus componentes. Qualquer novidade que venha a ser contrária aos costumes locais é vista com preconceito, e um meio de quebrá-lo é mostrar a veracidade dessa novidade através de pesquisas científicas. É de grande importância que numa pesquisa utilizem-se métodos idôneos, que possam ser repetidos, mesmo em outros tipos de pesquisa.

Nesse contexto, os resultados de uma pesquisa científica podem vir a público através de trabalho acadêmico, trabalho de graduação, dissertação, tese, relatório, artigo científico e resenha crítica (BASTOS E KELLER, 2004).

## **Considerações finais**

O trabalho realizado nas universidades relacionado ao ensino e aprendizagem de seus alunos é diferenciado, pois a partir dali serão formados profissionais e formadores que atuarão em áreas profissionais que exigirão conhecimentos específicos, ou trabalharão como professores. Nos dois casos é de se esperar que eles dominem bem o conhecimento de sua área.

Para um domínio de conhecimento, é necessário que uma pessoa - em especial um estudante - se debruce em cima do objeto de estudo e ali faça as suas leituras e reflexões, acompanhadas de repetidas tentativas, até que chegue a um termo que represente a confirmação - ou a refutação - de sua hipótese. A partir do momento em que o aluno/pesquisador percorre todo um processo de pesquisa, passa a se sentir muito íntimo do assunto e sabedor de pequenos detalhes, que se configurarão no conhecimento que ele tanto procurava.

O fato de o aluno fazer parte de uma universidade e ser visto como agente de seu conhecimento não significa que ele fará as suas pesquisas sem uma condução ou vigilância. Será importante, atrás ou ao lado dele, a presença de um professor bem preparado, que o ajudará no seu caminho.

Assim, faz-se necessária uma reflexão sobre a prática desenvolvida nas universidades acerca do ensino, já que se propôs, neste artigo, a utilização de pesquisas como forma de ensinar. Não seria apenas o caso de ensinar a pesquisar, mas também de ensinar que é possível aprender pesquisando, considerando que a pesquisa não precisa estar diretamente ligada à avaliação no final de um curso superior. A pesquisa pode estar presente em todos os momentos da vida acadêmica, proporcionando ao aluno uma contínua construção do saber.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA JÚNIOR, João Baptista de. Estudo como forma de pesquisa. In: CARVALHO, Maria Cecília M de (org). **Construindo o saber** – metodologia científica – fundamentos e técnicas. 13ª ed. Campinas: Papyrus, 2002.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Psicologia e construtivismo — série Educação**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

BASTOS, Cleverson; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 17ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

DEMO, Pedro. **Pesquisa – Princípio científico e educativo**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Paulo de Tarso; POZZEBON, Paulo Moacir Godoy. Técnicas de dinâmica de grupo. In: CARVALHO, Maria Cecília M de (org). **Construindo o saber – metodologia científica** – fundamentos e técnicas. 13ª ed. Campinas: Papyrus, 2002.

LUCKESI, Cipriano; BARRETO, Eloi; COSMA, José; BAPTISTA, Naidison. **Fazer universidade: Uma proposta metodológica**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MASETTO, Marcos (org). **Docência na universidade** – 13ª ed. Campinas: Papyrus, 2001

MATALLO JÚNIOR, Heitor. A problemática do conhecimento. In: CARVALHO, Maria Cecília M de (org). **Construindo o saber** – metodologia científica – fundamentos e técnicas. 13ª ed. Campinas: Papyrus, 2002.

PAOLI, Niuvenius. Para pensar a universidade. In: MARTINS, Carlos Benedito. **Ensino Superior Brasileiro** – Transformações e Perspectivas - São Paulo: Brasiliense, 1989.

SOBRAL, Fernanda A. da Fonseca. Pesquisa científica e tecnológica. In: MARTINS, Carlos Benedito. **Ensino Superior Brasileiro** – Transformações e Perspectivas - São Paulo: Brasiliense, 1989.